

VINTE CARTAS DE FERNANDO PESSOA

I

Lisboa, 25 de Abril de 1912

... Sñr. Alvaro Pinto.

Não respondi, como cumpria que fizesse, ao postal de V... de 19, porquanto esperava poder entregar a Veiga Simões, que parte amanhã para o Pôrto, o segundo artigo sôbre o aspecto sociológico da actual corrente literaria; na entrega do artigo iria, ainda que inconvenionalmente, a demorada resposta. Como, porém, V... comprehende, a elaboração raciocinativa de um assumpto originalmente concebido é difficil, e especialmente difficil quando considerações de espaço typographico entram — isto é, teem de ser levadas em conta — na elaboração do raciocinio.

Por isto, só poderei prometter mandar antes do fim do mez o artigo de que se trata; mais, dentro d'estes 5 dias, com certeza que o mandarei.

Como foi no dia 7 de abril que recebi as provas do meu primeiro artigo, e ellas, revistas, chegaram a tempo de não demorar a sahida de A Aguiã, creio (a não ser que o número 5 saia antes do habitual dia 15) que, dando 7 dias de margem para a composição typographica do artigo, dou amplo tempo ao compositor.

Não recebendo de V... aviso em contrário, remeterei o artigo como indiquei.

De V... respeitosamente

Fernando Pessoa

2

Lisboa, 30 de abril de 1912

...Sñr. Alvaro Pinto,

Tendo promettido enviar, até ao fim do mez, o meu segundo artigo, remetto, inclusas, 5 paginas d'elle, escritas á machina. Como não tivesse tempo de passar a limpo, hoje, o resto do artigo, julguei preferivel mandar o que já estava — para, sendo preciso, se ir já compondo — e enviar o resto ámanhã, a adiar, até então, a remessa integral.

O artigo fica mais extenso do que eu esperava. Deve levar mais outras 5 paginas de escripta de machina, como as que remetto. Talvez, por isso — não havendo razões em contrario — fôsse preferivel compor o artigo em corpo 8, para evitar confu-

sões ultteriores. Estou, é claro, suppondo que para V... o artigo tem o interesse que, por mim, ainda que autor, julgo que deve ter. Pela parte que vae hoje, já se pode antever a conclusão do artigo. Por o julgar util e esmiuçadamente confirmador do primeiro artigo, é que não me esforcei por o resumir excessivamente.

De V... Respeitosamente

Fernando Pessoa

3

Lisboa, 1 de Maio de 1912.

...Sñr. Alvaro Pinto.

Remetto a V... mais trez paginas do meu segundo artigo. As duas que faltam — enviarei amanhã. No escriptorio onde passo á machina os artigos, não me deixaram hoje tempo para completar a transcripção. — Como previ, o artigo levará umas 10 páginas de escripta de machina. Faltam, portanto, umas duas. Vão amanhã, sem falta. — Como o meu calculo inicial fôra para poder receber as provas, como antes, pelo dia 7, creio que, mesmo tripartido na remessa, ha amplo tempo para o artigo ser composto, e mesmo ficar já revisto, por aquelle dia, do actual mez.

De V... Respeitosamente

Fernando Pessoa

4

Lisboa, 2 de Maio de 1912.

...Sñr. Alvaro Pinto.

Remetto as 3 paginas finaes do meu artigo. Foi impossivel resumir em 2 o resto do artigo sem tornar obscura a parte mais importante do raciocinio.

Pedindo a V... me releve a demora e a accidentação que tem havido na remessa do artigo, sou, de V... Respeitosamente

Fernando Pessoa

5

Lisboa, 24 de Junho de 1912

Meu caro amigo.

Apesar da minha toda vontade em satisfazer a promessa de enviar o meu artigo no dia que indiquei, tenho encontrado difficuldades, de ordem raciocinativa, na execução do escripto. Entre o fazer um artigo cuja imperfeição torturaria tanto o meu senso intellectual como a minha noção do que que é devido á Aguia, e não o fazer, escolhi, ainda que maguado por ter de faltar ao que promettera, o não enviar a collaboração para este mez. Logo que concluir o artigo, envial-o-hei. Dá-se o caso de ser este o mais

difficil e importante, por incluir a caracterização da nova corrente literária.

Não posso prometer — nem me fica já muita autoridade para promessas — mandar o artigo em dia determinado. Mandal-o-hei logo que puder, o que, creio, será a tempo de ser incluído no 8.º numero.

Pedindo me releve a falta, involuntaria apenas no grau que indiquei, sou

Am.º mt.º grato

Fernando Pessoa

6

Meu caro amigo:

Lisboa, 29 de agosto de 1912.

Estimaria muito, e agradeçia muito, eu, e o raciocinador que há em mim, se o meu amigo pudesse conseguir que n'um só numero viessem — como, pela logica, deve ser — os tres capitulos do artigo que para ahí, em duas remessas, enviei.

O artigo deve, na sua totalidade, ocupar dois numeros; por isso puz um Continúa no fim do terceiro capitulo, fim do primeiro dos dois artigos. O segundo artigo levará a análise psychologica até ao fim. Não só o meio material, mas o meio logico do artigo está no fim do terceiro capitulo.

Digo tudo isto porque podiam pensar em quebral-o pelo fim do segundo capitulo, visto, de mais a mais, que o terceiro foi uns dias depois. Se fôr absolutamente necessario, assim seja; era preferivel porém que assim não fôsse. Se o meu amigo me conhecesse pessoalmente não estranharia, como deve estranhar, a inconveniencia (é-o, sem duvida alguma) desta carta. Tenho uma tal ancia de perfeição dialectica que ella me antisocializa o trato, como n'este caso epistolar.

Resta-me pedir-lhe a costumada desculpa. Demorei o final do primeiro artigo. Pensei-o, e ao passal-o a limpo, contraracionei. Tornei a escrevel-o e tornei a contrapensal-o. Cheguei finalmente aos raciocinios que finalmente fôram. Creio que faziam justiça, de algum modo, á Renascença. Os outros também a faziam, mas faziam-a errando, o que, para mim, é não a fazer.

Am.º certo e obg.^{mo}

Fernando Pessoa

7

30-XI-1912

Meu caro amigo:

A falta, n'este fim de mez, do seu costumado, e por mim tão merecido, bilhete de advertencia para remessa de artigo leva-me a julgar que possa estar doente—hypothesa a que desejo sorte

contraria á que ambiciono ás minhas hypotheses sociologicas — isto é, que seja falsa. — Escrevo para participar que, não havendo catastrophe nervosa, lhe enviarei de aqui amanhã o meu fim de artigo. — Não sei ainda, quando precisamente, lhe poderei enviar o pamphleto. — Se o pamphleto tiver a extensão — em c. 10 — de uma Aguia (de 32 páginas) quanto tempo levará a compôr e imprimir?

Am.º muito grato

Fernando Pessoa

8

Lisboa, 4 de Dezembro de 1912.

Meu caro amigo:

Remetto hoje, com esta carta, o pequeno resto do meu artigo. Como da extensão quasi constará, só a grande accumulção de trabalho, que hontem tive no escriptorio, me obrigou a adiar para hoje a sua remessa, o que, por elle ser tão pequeno, creio lhe não terá feito inconveniente de vulto.

Recebi o seu postal, que muito agradeço.

Tenho uma cousa a dizer. Caso não tenha ainda plano feito para o n.º 1 do segundo anno da 2.ª série, queria propor-lhe a inclusão de dois escriptos que, parece-me, teriam interesse. Como sabe, prometti-lhe nunca mais atirar para cima da sua desprevenida amabilidade remessas que me houvessem pedido. Cumpri isto á risca; já a trez amigos recusei enviar escriptos que elles me pediram para eu lhe remetter, e cujo valor não era tão flagrante que me levasse a fallar-lhe n'elles.

Supponho, porém, que o meu amigo não me levará a mal que lhe aponte o que me pareça bom e que eu possa obter; se lhe convier, dir-me-ha, como, com toda a franqueza, caso lhe não convenha. É para bem de A Aguia que lhe fallo n'isto.

Dos dois escriptos a que me referi, um tenho a certeza de poder obter, e é muito interessante; outro, que é mais interessante ainda — porque de genero mais raro, e, no genero, perfeito — não posso absolutamente assegurar que obtenha, porque não sei se já recebeu do autor a demão final.

O primeiro é uma poesia um pouco extensa — deve levar de 3 a 4 páginas — chamada Romaria das Arvores; é do Antonio Cobeira e revela-o de modo original e flagrantemente bello. — O segundo é um magnifico conto O Homem dos Sonhos, de Mario de Sá-Carneiro, que está actualmente em Paris, e é, como não sei se sabe, autor de um bello e revelador livro recente, «Principio» de seu titulo. O conto não é grande e o autor é o unico novo em quem está o poder de contestar a Antonio Patricio o primeiro

logar entre os contistas. Como constructor do enredo é já mais do que uma promessa; este conto é, de resto, superior em construção aos que veem no «Principio». Elle leu-me aqui o conto e, como eu gostei muito, dedicou-m'o; mas espero que me fará a justiça de crêr que não é por isso que tinha empenho em o vêr publicado em A Aguiã. É por elle — autor — e pela Aguiã.

Como disse, não sei se por qualquer razão me será impossivel obter este conto. Farei o que puder. E creia que o conto vale a pena que se obtenha.

Sobre os dois casos diga-me se quér que proceda como lhe indico. Pode crêr que nenhum dos autores me pediu a inserção.

Disponha sempre do seu mt.º am.º Fernando Pessoa

9

Lx.ª 31/XII/12

Meu caro amigo:

Tenho estado doente, com grippe estes últimos dias; tencionava escrever-lhe e não me foi possivel.

Ainda não me chegou de Paris o conto de Sá-Carneiro, e não sei onde pára o Cobreira. Como, porém, supponho que o meu amigo não deve ter estado á espera d'esta collaboração — rigorosamente á espera d'ella — não lhe deve ter causado transtorno.

Quanto ao meu pamphleto, cá o vou fazendo e desfazendo e refazendo. A tortura d'isto, misturada com a de estar doente e outros ingredientes de mal-estar psychico fórma um composto espiritual mui pouco favorecedor e apressador de trabalho.

Ia-me esquecendo, o que realmente nunca me passaria esquecido, desejar-lhe, a si, pessoalmente, e á nossa sociedade, um anno novo cheio de prosperidade material e espiritual.

Disponha do seu am.º mt.º grato Fernando Pessoa

IO

Lisboa, 28 de janeiro de 1913

Meu caro amigo:

Permitta-me, antes de tudo, e em referencia ao folheto da obra e contas da Renascença, que fervorosamente o felicite por quanto pôde realizar a sua maravilhosa tenacidade, a sua capacidade organizadora e aquella dedicação que, tendo-a posto, como tem, ao serviço de uma causa cuja importancia é maior do que talvez o mais ousado de nós ousa dizer, não é senão um sentimento intensamente patriótico mostrando-se, não atravez de palavras, como é costume dar-se, mas em obras, como é raro ver-se, e, ao

ver-se, e no grau de justo exito que o seu esforço tem tido, humilhador das mais calorosas expressões que pretendam elogial-o.

Não estou n'este momento na posse em que queria estar de qualquer cousa como um estylo, para lhe poder dizer estas cousas com o perfeito dizer que conviria. Mas atravez da frouxa expressão que o meu cansaço, agua de sempre, imprime ao meu pensamento, creio que transparece a calorosa sinceridade do que digo.

Envio-lhe junta — creio que ainda a tempo de tomar logar no n.º 14 — a poesia Romaria das Arvores, que pedi ao Antonio Cobeira, e que, acho, não direi uma cousa assombrosa, mas uma cousa com certeza classificável de «magnifica». A impressão do conjunto, afinal, ainda é melhor que a dos trechos que eu conhecia. — O Cobeira não diz mal da Renascença. O mais que lhe tenho ouvido são apreciações pouco entusiasticas a respeito de alguns collaboradores de A Aguiá e espiritos dirigentes da R. P., mas a gente inteiramente ligada á Renascença tenho ouvido tanto ou pior, a propósito de collegas. De resto, mesmo que elle tivesse dito realmente e flagrantemente mal de nós, eu creio que devíamos estar acima de o excluir por causa d'isso. A nossa Causa é importante de mais para nos estarmos a constituir em partido politico ou seita religiosa. Cada poeta lusitano a mais que possamos pôr em evidencia, mais uma honra será para nós, mais um serviço á literatura patria, e á Patria portanto. Creio que a isto pouco se pode responder que realmente colha ou valha. Eu — que sou quanto ha de mais renascente em toda a extensão da alma — não teria duvida, por exemplo, se tivesse uma revista minha, ou dirigisse uma publicação da Renascença, em obter para lá collaboração, digâmos, do Garcia Pulido, se a julgasse boa.

Mas isto tudo de nada vale, porque apesar de tudo, e como isso poderia ser desagradavel ahi, se o Cobeira tivesse dito mal da Renascença eu não lhe teria pedido a poesia. De modo que pode estar confiado em que, que eu saiba, não vae publicar obra de inimigo da nossa Sociedade.

Disponha sempre do seu dedicadissimo Fernando Pessoa

P. S. Sabe se o Jayme Cortesão recebeu ahi uma carta minha agradecendo-lhe as duas plaquettes? É que, se a carta se perdeu por acaso, estou passando por indelicadissimo. Elle, é claro, não tinha que me escrever. Porisso é a si que pergunto isto.

II

Meu querido amigo:

Mando-lhe uma pagina de verso para A Aguiá. É outro que principia, e creio util auxiliar-os, especialmente quando, como este,

entram em casa das Musas com o pé direito. Valho-me da sua autorização para lhe fazer esta pequena remessa, cuja qualidade, porém, me parece justificativa de remettel-a.

Como me esqueci de perguntar ao rapaz onde mora, pode o meu amigo mandar as provas para minha casa que dentro de um dia lhe serão devolvidas, emendadas.

Na ausencia de collaboração minha, faço o que posso com o fito de ajudar a dar qualidade e variedade á Aguia. O ultimo numero (14) vinha muito bom.

Disponha sempre do seu mt.º amigo e grato
Lisboa, 24/II/1913 *Fernando Pessoa*

P. S. O nome do rapaz é Côrtes Rodrigues. Isto para que ponha no summario o nome com a devida acentuação, para que se não julgue que é Cortês.

12

Lisboa, 4 de Março de 1913

Meu caro amigo

Recebi hontem o seu postal, que me feriu um pouco.

Pelo que de mim tem visto, deve o meu amigo calcular que não é nem por falta de interesse pela Renascença, nem por falta de interesse por questões literarias (tanto mais que as considero mais importantes do que se as tivesse por meramente literarias) nem mesmo, por falta de interesse por mim-proprio, que não tenho enviado collaboração minha para A Aguia ou original para o folheto sobre o inquerito literario.

Circunstancias varias da minha vida, acrescentadas ao que é talvez uma morbidez de escrupulo em que não falhe elo na argumentação, teem-me reduzido a um estado de espirito que talvez seja muito bom para a producção de obras de imaginação, mas que para a calma e esforçada elaboração de raciocinios não é auxiliador. Essas circunstancias de minha vida, que são, umas de ordem material, outras de especie moral, — parece-me que o meu amigo não considera que possam existir, visto que declara não perceber o meu silencio literário.

Não é das cousas mais agradaveis a quem já sem auxilio da incompreensão alheia tem bastante com que se ralar, estar a lêr attribuida a outra causa que não a um estado de espirito infeliz a inactividade — effeito d'esse estado de espirito.

Se o que diz sobre o folheto do Inquerito deve ser entendido como significando que o meu amigo acha que á Renascença não convém, por considerações commerciaes ou outras, publicar o meu

folheto, teria sido melhor que com absoluta franqueza m'o tivesse escripto, sem o subinsinuar na rudeza delicada das suas palavras. Eu não tenho vaidade nenhuma, de especie nenhuma. Nada em mim feria se francamente me dissesse que a Renascença ou não está disposta a publicar o folheto, ou acha inutil a sua publicação. Nem por isso eu deixava de pertencer a ella e de a auxiliar conforme pudesse.

Por uma outra circumstancia veio em momento infeliz a sua estranheza do meu silencio. No sabbado passado sahio, no 1.º numero da revista Theatro, de Lisboa, o meu pequeno artigo de ataque ás baboseiras do Lopes-Vieira. Como este é da Renascença, e dada a attitude de duvida que o meu amigo tem para commigo, pareceu-me possivel que, lido esse escripto, me traduzisse para inimigo da Renascença. Ainda assim creio que comprehenderá que nada ha que espiritualmente relacione a Renascença com os disparates que o Lopes-Vieira atira á cabeça das creanças.

Já que estamos n'este assumpto, e para que não surjam duvidas futuras, desde ja lhe devo dizer que o meu folheto sobre o Inquerito contém uns paragraphos de critica por vezes severa ao que considero certos defeitos de attitude na Renascença e em alguns dos seus autores. Assim, farei objecto de especial severidade a pavorosa critica do Pascoaes ao livro de Basilio Telles, e o artigo (tão estranho para quem tem responsabilidades de raciocinador) que o Leonardo Coimbra escreveu sobre o Regresso ao Paraíso.

O meu amigo comprehende bem: eu não sou para cousa alguma que se pareça com coterie ou seita, e acho do meu dever atacar o que de seita e coterie se tem misturado com os altos propositos e a fundamental verdade nacional da Renascença. É n'estas condições, e no tom que isto indica, que eu escrevo o folheto. Não tenha duvidas sobre que ele seja uma ampla e completa defeza da Renascença. Mas, para o ser, urge que seja uma defeza do que n'ella é bom, que é muito, e um ataque firme e explicado ao que n'ella é mau, que é alguma cousa.

Releve-me o tempo que lhe tomei com esta exposição, que julguei necessaria por, atravez de um simples postal, não perceber bem qual a sua attitude. Inutil é acrescentar que esta carta não é confidencial, e que aos proprios Pascoaes e Leonardo Coimbra, a quem acima me refiro como viu, o meu amigo a pode mostrar. De resto, ao Pascoaes direi eu cousas criticas sobre aquelle ponto e outros, na carta que hoje lhe vou escrever, agradecendo O Doido e a Morte, carta que é, como o meu amigo pode calcular, no geral amplamente, e mesmo entusiasticamente, elogiadora. Ao Leonardo Coimbra apontarei tambem o trambolhão que foi o

tal artigo; mas ainda não lhe escrevo, porque não tive ainda o socego necessario para acabar de ler O Creacionismo.

Disponha sempre do seu am.º mt.º grt.º Fernando Pessoa

P. S. — Não sei se recebeu os dois sonetos do Côrtes Rodrigues, que para lá mandei. Sempre franqueza... Se não conveem, diga francamente. Eu não quero que me faça favores, pelo menos em cousas d'estas, onde o favôr fôsse, a meu ver, prejudicial á literatura. — F. P.

13

Lisboa, 7 de Março de 1913.

Meu caro amigo:

Muito obrigado pelo seu cartão de 5, que normalizou tudo, que afinal, só por mal-entendido tinha tomado ares de anormalizado. O inevitavel laconismo das suas expressões no bilhete-postal é que tornou possível a minha hesitação, por isso mesmo semi-justificada.

Eu não suppoz que o meu amigo tivesse lido o Theatro. Na hypothese de que ahí houvesse duvidas sobre a razão do meu «silencio» é que, suppondo-as de momento possivelmente atribuíveis a qualquer afastamento meu, citei como infeliz para mim a coincidência do artigo sobre o Lopes-Vieira sahir n'esta occasião. É isto e mais nada.

Vem a proposito dizer (mas não tome isto como um mero querer — chamar a sua atenção sobre o que eu escrevo) que no numero 2 do mesmo Theatro continúo a obra; d'esta vez rompo fogo contra o Manuel de Sousa Pinto. Eu explico tudo isto. Ha aqui varias coterias (meras e reles coterias) que nos fazem uma guerra esquerda e assolapada. Uma d'ellas — a do João de Barros, Sousa Pinto, Joaquim Manso, etc. — estende-se até incluir o Lopes-Vieira e (parece-me) até enganchar, em Coimbra, gente que espiritualmente é o mais Renascença possível. Outra anda em volta do Augusto Gil e do Guedes Teixeira.

Proponho-me tomar a offensiva. Não vou, é claro, commetter injustiças, mas como elles (felizmente para este caso) teem todos pontos por onde se lhes pegue, e por onde é útil mesmo para elles, que se lhes vá pegando, municio-me da justiça que ha em apontar esses defeitos e caio-lhes em cima conforme posso. Uns teem valor, verdadeiro valor, mas puzeram-os a tal altura que é de justiça que, concedendo-lhes o que valem, serenamente os desçamos para onde esse merito os manda pôr. O que acho especialmente preciso (e é o que estou fazendo) é atacal-os pela troça, que é ataque que elles não esperam e a que não estão acostumados.

Havia mais a expôr, n'esta ordem de considerações, e eu tinha varias cousas a dizer — alvitres — que podiam ser de interesse para a Renascença, mas o tempo é-me escasso e são assumptos que, propriamente, só fallando lhe podia explicar de modo satisfatorio.

Creia-me sempre amigo muito grato *Fernando Pessoa*

P. S. Remetto, emendadas, as provas dos sonetos de Côrtes Rodrigues. Não fôram hontem porque não encontrei a tempo o autor. F. P.

P. S. 2 — Bem entendido que as criticas á Renascença, que acho necessarias e de que na outra carta lhe fallei, não veem no Theatro nem em publicação alguma que não seja da Renascença. Aquillo é entre nós. Seria tão prejudicial de fóra quanto mais valoriza a defeza quando feito de dentro.

14

Lisboa, 22 de março de 1913

Meu caro amigo:

Recebi ante-hontem á noite o seu cartão, e foi-me hontem impossivel informar-me. Hoje, porém, tenho todas as informações de que precisa. O Gomes Leal vive em casa de um individuo, de quem me disseram que era pouco instruido mas admirador do Poeta — e «vive» quer dizer, mora, tem um quarto apenas; porque essa pessoa, pobre ao que que parece, não pode infelizmente dar-lhe mais do que o quarto. O Poeta come em casa de uma prima, mas ás vezes passa sem almoço ou sem jantar, e não sei se algumas vezes sem ambos. Não insisti com o meu informador por mais detalhes, primeiro porque mais não eram precisos, depois porque me impressionou para além de toda a vontade de fallar sobre o assumpto o pouco, mas sufficiente, que me contaram. Tem, pois, o meu amigo, n'estes parcos, mas bastantes, factos a triste informação que me pede. Creio, pois, que nada obsta á intenção da Renascença de levar o Poeta para o Porto, para ahi tratar d'elle.

Quanto á folha para subscripção que o meu amigo me remette, só amanhã ou segunda-feira me porei em campo para obter o que puder. Pouco será infelizmente, porque pouco posso fazer, dado que poucas relações tenho, mas pode estar certo que irei até ás fronteiras do que me fôr possivel n'este sagrado intuito.

Aproveito o estar-lhe escrevendo para tratar de outro assumpto.

Se o Teixeira de Pascoaes estiver ahí, peço ao meu amigo que lhe diga que, se ainda lhe não escrevi agradecendo O Doido e a Morte é porque a carta, principiada, é extensa e no género de uma carta-estudo que escrevi ao Jayme Cortesão; demora um pouco, em si, e eu tenho muito reles circunstancias de quotidiano poder a desviar-me de dar a attenção que é necessária áquella carta como a outros escriptos... E não julgue o Pascoaes, se acaso viu a minha carta dubitativa ao meu amigo, que o que lhe vou escrever orça, em materia de apreciação, pelo que contém a phrase sêcca como alli fallo do artigo sobre o Basilio Telles.

Para o proximo numero de A Aguiã devo mandar um estudo sobre a caricatura em geral, a propósito do caricaturista Almada Negreiros, que aqui tem aberta uma exposição. É cousa pequena. Já tenho em meu poder o maravilhoso conto de Mario de Sá-Carneiro de que ha tempo lhe fallei, mas não o mando por não querer tomar-lhe o numero de assalto com cousas minhas e de amigos; de mais a mais o Sá-Carneiro pediu-me que d'aqui lhe enviasse as provas para Paris, o que exige certa antecedencia na composição do conto.

O Boavida Portugal vae d'aqui a pouco publicar o livro contendo as respostas ao Inquerito. De modo que vou preparar o folheto para sahir logo depois do livro; assim terá a oportunidade que (como com razão o meu amigo dizia) hoje lhe faltaria bastante. E com certeza terei o folheto prompto a tempo, porque basta (e sobra) os dias que o livro do Boavida leva a imprimir para eu completar o que já tenho escripto e adaptal-o ao livro, que o Boavida me permite que eu vá lendo á medida que se vae imprimindo.

De modo que, assim, fica tudo salvo.

Naturalmente antes d'este folheto terei prompto um outro, em que o Leonardo Coimbra talvez lhe tenha fallado, sobre a questão da autoria da obra shakespeareana.

Era favôr, logo que receba esta carta, o meu amigo, n'um postal, accusar-me a recepção. Isto por causa da informação que leva a respeito do Gomes Leal, que quero ter a certeza que ahí chegou.

E disponha sempre do seu mt.º ded.º

Fernando Pessoa

Lisboa, 3 de Maio 1913

Meu caro amigo:

Só hoje de manhã chegou o seu postal.

Remetto o conto do Mario de Sá Carneiro com um papel com a assignatura d'elle.

Vae também um soneto do Nuno d'Oliveira que, sabendo que eu escrevia hoje para ahí, me pediu que incluísse também na carta. Realmente da minha parte vae o conto do Sá-Carneiro. Vae a tempo? As provas do conto veem para mim, é claro; as do soneto, é natural que vão para a Redacção da Republica, onde o autor é redactor.

Quero ver se consigo encher a minha lista de subscrição, ainda que de somas pequenas; sempre tinha empenho que fôsse cheia. Espero ainda uma resposta de Paris para lh'a mandar.

Quanto ao resultado que temos obtido, não o acho nada mau sabendo bem o que são subscrições, especialmente subscrições desta ordem. Em pais algum dão muito, e, se dão, é por grandes quantias de dois ou tres capitalistas. Relativamente a certas subscrições inglezas no genero que conheço, esta não me parece nada má.

Escrevo á pressa. Desculpe-me o meu caro amigo o cortar aqui a carta. Disponha sempre do seu mt.º grato F. Pessoa

16

Lisboa, 13 de Junho de 1913

Meu caro amigo:

Estive cinco dias de cama com grippe e foi no ultimo d'elles (11) que recebi o seu cartão a respeito do «Só». Hoje fui o mais cedo que pude tratar do assumpto. Já estão esgotados os exemplares brochados do livro. Porisso, e por não saber se o meu amigo quereria exemplares encadernados, não comprei dois mas só um, que por este correio lhe envio, registado. Caso precise de outro exemplar, queira dizer-m'o immediatamente, porque creio que mesmo dos encadernados poucos restam.

Sobre este assumpto tenho uma cousa que pode ser importante a comunicar-lhe. No dia 6 á noite, (lembro-me bem, porque foi o ultimo dia que estive bem) o Alfredo Guimarães disse-me, na Brazileira (casualmente e fallando de outros assumptos), que o Aillaud lhe tinha mostrado um recibo do Antonio Nobre vendendo á Livraria Aillaud a propriedade do Só. Até o Guimarães suppunha que a publicação do Só pela Renascença tivesse sido violentamente sustada pelo Aillaud com a apresentação d'este recibo.

Desculpe-me o meu amigo se não sou muito lucido, mas não tenho a cabeça ainda no estado normal.

Se quizer que indague qualquer cousa a respeito do Só, diga-m'o; se eu o poder fazer, fal-o-hei com muito gosto.

Terminando, quero lhe explicar porque não mandei o artigo para A Aguia. De accordo que sou o ultimo dos bandidos em faltar assim tão safadamente á minha palavra, mas o caso é que o artigo que eu começára a escrever se tornou por um excesso de critica, improprio para um numero commemorativo de Camões. Porisso o desalento tomou-me e não o conclui. Queria ter-lhe explicado isto mais cedo, penitenciando-me mas então adoeci. Só agora lh'o posso explicar. Releve-me o meu amigo mais esta falta e disponha sempre do seu muitissimo grato

Fernando Pessoa

P. S. — O Sá-Carneiro deve estar em Lisboa em Julho. Quando elle viér fallo-lhe em mais collaboração. Por o que o meu amigo me dizia, parece-me ter agradado ahí o conto d'elle, o que immensamente estimo.

17

L.º 10/7/1913

Meu caro amigo:

Recebi a sua carta de 8 á qual teria respondido hontem se não se tem dado o facto, que continúa dando-se, de eu me vêr tão de perto apertado pelo meu trabalho quotidiano, acrescido de outro, que só tive tempo para acabar de passar a limpo aquella minha prosa que hoje deve ter recebido.

Pelas razões que acima exponho deve o meu caro Amigo calcular que é infeliz o momento para fins como o de obter as cartas de apresentação que ninguem mais de que eu teria enthusiasmo e empenho em obter para os dois artistas de que me falla.

Em todo o caso verei o que tenho tempo para fazer — amanhã é dia de escravidão para mim e sabbado tenho meio-livre — e com certeza uma carta lhe consigo, que é minha e para um amigo meu, poeta e portuguez, que está no Rio e que se dá com literatos e artistas de lá.

O Caldeira e o Angelo que estejam na Brazileira do Chiado das 3 ás 4 de domingo (13) e eu alli lhes entregarei o que tiver obtido que oxalá fosse tudo o que eu quero, que com o peso das cartas não poderiam.

Disponha sempre do seu mt.º am.º e grato

F. Pessoa

18

Lisboa, 29 de Julho de 1913

Meu caro Amigo:

Como não vieram no ultimo numero de A Aguia, nem a

minha prosa nem os versos do Cobeira e do Côrtes Rodrigues, desejava saber se lá tinham chegado. A minha collaboração iria tarde, provavelmente, mas julguei ter remetido a tempo as outras cousas. O Cobeira foi para Castello Branco (se não tiver ahí o endereço, obtenho-lh'o, para lhe mandar as provas) e as provas do C. R. podem ser mandadas para minha casa.

Em todo o caso, penso sempre se desagradará ahí qualquer das trez cousas remetidas. O meu amigo sabe que nada mais estimo do que absoluta franqueza n'estes assumptos. O Na Floresta do Alheimento será ultra-excessivo, em materia de requinte, para que achem prudente que A Aguiá o insira? Diga-m'o francamente.

Sobre as poesias dos outros rapazes, não creio que pudesse haver duvida.

Tenho tido, nos escriptorios varios por onde espalho traductoriamente o meu conhecimento do inglez, innumeras, constantes cousas que fazer, e isto me tem inhibido, tanto de lhe enviar collaboração para A Vida Portuguesa (o que tinha muito empenho em fazer) como de lhe fallar sobre a passagem por aqui do Americo Angelo e do Innocencio Caldeira. E — para acabar as explicações quanto ao primeiro ponto — não tenho encontrado o Boavida Portugal para ao menos lhe pedir um artigo meu, prompto já, que elle tem não sei aonde.

O meu amigo escreveu-me já muito tarde sobre aquillo do Angelo e do Caldeira, e n'um periodo em que eu estava no escriptorio até á meia-noite. Só no sabbado (elles chegaram aqui no domingo) consegui obter trez cartas que talvez de alguma cousa lhes sirvam. Fiquei de mandar durante a semana seguinte — iriam disse-me o A. A., ainda a tempo — trez outras cartas, melhores, que o Silva-Passos me prometteu, mas este todos os dias m'as promettia e nunca m'as escreveu. De maneira que — com grande pena, com grandissima pena minha — quasi nada pude fazer do que desejava.

Releve-me isto o meu caro Amigo e disponha sempre (mas escrevendo-me mais antecipadamente)

do seu muito am.º e grato

Fernando Pessoa

P. S. — Por acaso parou A Vida Portuguesa? Parece-me que ha um mez que a não recebo. Em todo o caso, não tenho a certeza. Há 15 dias com certeza que não.

F. P.

19

Lisboa, 25 de maio de 1914

Meu caro amigo:

Dentro em pouco mandar-lhe-hei, para a «*Renascença*», caso queira editar, um escripto meu — uma peça n'um acto, d'um genero especial a que eu chamo estatico. Claro está que o meu amigo com toda a franqueza me dirá, depois de ler a peça, se convem realmente editá-la. Exijo, e não me offenderei com uma recusa — uma franqueza absoluta.

A peça formará uma mera plaquette. Não lh'a remetto para A *Aguia* porque para esse fim é, além de extensa, vagamente imprópria.

Naturalmente poderei agora mais frequentemente colaborar n'A *Aguia*. Vai caminhando para cessar um estado de espirito em que ha tempo tenho habitado, e que nem me deixa colaborar em mim proprio. Oxalá eu não me engane.

Veremos se para o mez que vem consigo pôr de pé o pamphleto sobre as criticas da *Renascença*. É a hora de tratar d'isso, porque o livro do Boavida apparecerá — creio — não de aqui a muito tempo. Mas isto do pamphleto é mais complexo. No fim d'elle tratarei do Antonio Sergio.

Disponha sempre do seu mt.º am.º e grt.º *Fernando Pessoa*

P. S. Mudei-me para a Rua Pascoal de Mello, 119, 3.º Dt. para onde o meu amigo deverá dirigir correspondencia — F. P.

20

Endereço: *Fernando Pessoa*
Na casa Lavado, Pinto & C.ª
Campo das Cebolas, 43,
Lisboa.

P. S. Há quatro dias que ando com esta carta na algibeira; e tem me esquecido deitá-la ao correio. Vae, enfim, hoje, dia 16. Desculpe-me a demora. — F. Pessoa.

Lisboa, 12 de Novembro de 1914

Meu caro Amigo:

Só hoje me foi entregue o seu postal do dia 7. Como o *Universo*, mudo constantemente, e succede que a correspondencia muitas vezes, só depois de cinco ou seis dias seguindo a minha pista domiciliária, logra encontrar-me enfim. Com o seu postal aconteceu isto.

Ou eu me expliquei exaggeradamente mal ao Jayme Cortesão, ou elle tirou conclusões excessivas do pouco que eu disse sobre o assumpto. Isso era, de resto, natural que acontecesse, visto o proprio facto de eu sobre o assumpto ter fallado pouco.

Não mandei para ahí livro nenhum. Posto que prompto, nem sequer se encontra passado a limpo o trabalho literario de que se trata. Ha mezes escrevi para ahí, ao meu Amigo, como de costume, perguntando-lhe se a «Renascença» editaria uma plaquette minha, e expliquei que se tratava de um drama n'um acto, de um genero a que eu chamo «estatico», e sobre cuja fórma e feitio eu disse, para d'elle dar alguma idéa, que se assemelhava, como com effeito se assemelha, ao escripto Na Floresta do Alheamento que publiquei n'A Aguia.

Depois d'isto, pedia eu na carta referida que o meu Amigo me dissesse francamente se a «Renascença» podia ou queria editar aquelle trabalho. Fiz esta pergunta porque tomei os seus anteriores offerecimentos sobre editar trabalhos meus como referindo-se a trabalhos de critica ou sociologia, e não a produções propriamente literarias. Eu acrescentei, até, que de modo algum me offenderia com uma recusa. Sei bem a pouca sympathia que o meu trabalho propriamente literario obtem da maioria d'aquelles meus amigos e conhecidos, cuja orientação de espirito é lusitanista ou saudosista; e, mesmo que não o soubesse por elles m'o dizerem ou sem-querer o deixarem perceber, eu à-priori saberia isso, porque a mera analyse comparada dos estados psychicos que produzem, uns o saudosismo e o lusitanismo, outros obra literaria no genero da minha e da (por exemplo) do Mario de Sá-Carneiro, me dá como radical e inevitavel a incompatibilidade de aquelles para com estes. Não veja o meu caro Amigo aqui a minima sombra de despeito ou, propriamente, desapontamento; o facto, que acima lhe citei, de que eu de antemão posso calcular o effeito do que escrevo sobre este ou aquelle individuo, dado que elle me tenha levantado o véu de sobre a sua orientação ou predilecção literaria, não me deixa ter sobre o assumpto illusões que eu tenha que perder.

Foi por estas razões que eu — ao fallar-lhe do meu drama — lhe indiquei expressamente que elle era aparentado com o Na Floresta do Alheamento. Pelas mesmas razões, conforme já disse, não me espantaria uma recusa, nem me offenderia; e essa recusa, facilitei ao meu Amigo o dar-me quando lhe pedi que me fallasse francamente.

A essa carta eu não recebi resposta, e foi isso que eu estranhei, dado que a hypothese de que a carta se perdera se encontrava affastada pelo facto de que, sendo essa carta em que eu pra ahí indicava que me mudára para a Rua Pascoal de Mello, o numero immediato de A Aguia veio endereçado já para o meu então novo domicilio.

Tomei o seu silencio por uma recusa, e mesmo com esse

silencio me não offendi, tomando-o por o possivel effeito de uma prolongada hesitação — apesar de eu ter facilitado uma resposta negativa — em nitidamente me recusar a edição da obra.

Isto, que é muito pouco, é tudo que ha sobre o assumpto. Se lh'o expuz prolixamente, foi para ser explicito e para não dar com a seccura das poucas palavras, a impressão, que seria erronea — de todo erronea — de que eu, ou por isto ou por outra cousa, realmente estava melindrado.

Quanto ao referido trabalho, ou outros trabalhos quaesquer, permitta-me o meu Amigo que lhe peça para collaborar commigo em não fallarmos mais n'isso. Cessei. Compenetrei-me cellularmente da absoluta inutilidade de qualquér esforço e da ridicula incongruencia do actô fundamental de escrever — expor aos outros cousas que ou são opiniões ou sonhos, como se as opiniões, quando por acaso alguma acção teem, fizessem mais do que perturbar para fora dos seus saudaveis e naturaes instinctos os pobres cerebros humanos; e como se o destino logico e nobre dos sonhos não fosse ficarem apenas sonhados dentro de nós, sem a ousada imperfeição de serem expressos. Não podendo ter a maravilhosa e natural saúde de não ter opinião nem sonhos, esforcemo-nos ao menos por adquirir a artificial saúde da renuncia.

Desculpe-me ter-lhe tomado tanto tempo, e ter acabado de modo tão indecorosamente literario.

Creia sempre seu mt.º am.º e grato

Fernando Pessoa

ANOTAÇÕES

Fundada A Águia em 1 de Dezembro de 1910, nela colaboraram nesse ano e em 1911 os mais illustres Escriitores e Poetas vivos dêsse tempo, revelando-se então alguns novos, que surgem publicados pela 1.ª vez. Em 1912, verificada a existência de uma grande ansiedade renovadora, cria-se a «Renascença Portuguesa», sociedade cultural, e A Águia passa a ser o seu órgão, aparecendo em 1 de Janeiro dêsse ano com novo formato e melhor aspecto.

Como A Águia nascera no Pôrto, aí ficou e cresceu a «Renascença Portuguesa», que durante longos anos cumpriu com denodada persistência o seu programa de promover a maior Cultura do Povo Português, por meio da Revista, do Livro, da Conferência, do Concêrto, da Exposição e da Universidade Popular. Lisboa esteve a principio em benévola simpatia, mas depressa se dividiu em grupos de adversários intransigentes, de neutros e de amigos leais. Dentre os últimos, um houve que mostrou logo sua admiração pelos novos Poetas e pela finalidade da «Renascença». Foi Fernando Pessoa. Chegaram ao Pôrto repetidas noticias dêsse entusiasmo e em Março de 1912 o seu 1.º artigo «A nova Poesia Portuguesa sociologicamente considerada», publicado a pág. 101/107 do vol. I, 2.ª Série. O artigo causou forte impressão e algumas reacções contrárias. Resolvi, porém, dar todo o apoio a Fernando Pessoa e pus a revista à sua disposição. Foram, mais tarde, bastante azedos os remos que recebi, sobretudo de velhos Escriitores e Poetas, por causa do advento dum Supra-Camões, preconizado por Fernando Pessoa. Nada impediu que êle continuasse a colaborar emquanto o desejou. No decorrer de 3 anos (1912/1914) recebi muita correspondência de Fernando Pessoa. Julgo que poderão ter algum interêsse para o estudo da sua complexa personalidade as vinte cartas que escolhi e antes reproduzo.

Cartas 1, 2, 3 e 4 — Mostram a preocupação de pontualidade e cumprimento de palavra, que F. P. tanto respeitava. O artigo com o título «Reincidindo...» ocupou as pág. 137/144 do Vol. I.

Cartas 5, 6, 7 e 8 — Referem-se ao ensaio «A nova Poesia Portuguesa no seu aspecto psicológico», que foi publicado em 3 fascículos do Vol. II de A Águia, 2.^a série (Pág. 85/94, 153/157 e 188/192).

Cartas 9, 10 e 11 — Note-se o carinho com que F. P. estimava A Águia e a «Renascença», quer procurando boa colaboração, quer tornando-se defensor da Sociedade no panfleto que projectava, de resposta a certos ataques feitos num Inquérito literário. A «Romaria das Árvores» saiu no Vol. III (pág. 44/47).

Cartas 12 e 13 — F. P. pedia repetidas vezes que lhe falasse com toda a franqueza sobre o que propunha para A Águia. Mas bastava uma pequena observação, a menor estranheza, para que logo se susceptibilizasse. As cartas mais impressivas que dêle recebi são precisamente aquelas em que teve de reagir contra o menor reparo feito ou sobre a menor discordância (12 e 20). Também não mostrei a Teixeira de Pascoais e Leonardo Coimbra a carta de 4 de Março. Conhecia bem um e outro para saber que seria muito mau fazê-lo. Os sonetos de Côrtes-Rodrigues — «Sinfonia do Amor» — foram publicados no Vol. III (Pág. 97).

Carta 14 — A «Renascença» praticou várias obras de solidariedade, umas públicas, outras reservadas. Das primeiras, a mais retumbante foi a subscrição a favor de Gomes Leal, que rendeu 1.600\$00, e teve o Poeta a coberto da miséria durante mais de 3 anos. Logo no princípio da subscrição, fui autorizado a oferecer a Gomes Leal quatro casas onde ele poderia descansar e trabalhar confortavelmente: três de Teixeira Lopes, Visconde de Vila-Moura e Teixeira de Pascoais e a casa da «Renascença» no Pôrto. O Poeta respondeu aceitando a casa da «Renascença», onde queria trabalhar e prestar todos os serviços que pudesse, mas nunca apareceu no Pôrto. Preferiu gastar em Lisboa o produto da subscrição e arrastar depois uma existência miserável. O artigo sobre as caricaturas de Almada Negreiros ocupa as pág. 134/135 do Vol. III.

Carta 15 — O conto de Mário de Sá-Carneiro — «O Homem dos Sonhos», saiu no Vol. III (pág. 150/156). Sobre a subscrição a favor de Gomes Leal, as palavras de F. P. contrastavam profundamente com as de certos literatos requintados que disseram e escreveram barbaridades contra a deprimente iniciativa da «Renascença». Esses literatos não ampararam o Poeta quando a subscrição se extinguiu.

Carta 16 — O caso do «Só» foi muito simples. O sr. Aillaud julgou que tinha comprado a propriedade, mas não tinha. António Nobre só lhe vendera a 2.^a edição. Contratada a 3.^a entre a «Renascença» e o irmão do Poeta, logo que apareceu a edição Aillaud, foi o assunto tratado e resolvido amigavelmente. A Livraria pagou uma indemnização pelos exemplares vendidos e enviados para o Brasil e entregou os restantes. Esse resto, por acôrdo ulterior, foi dividido em partes iguais pela Livraria e pela «Renascença». A Livraria continuou a vendê-los como estavam e a «Renascença» mudou a capa nos seus e juntou-lhes um retrato do Poeta, por António Carneiro, e a «Memória» da 1.^a edição, que A. Nobre desejava fôsse reposta no seu lugar.

Cartas 17, 18 e 19 — Américo Ângelo e Inocência Caldeira foram artistas que auxiliaram a «Renascença» e que a «Renascença», por seu turno, quis auxiliar no Brasil. «Na Floresta do Alheamento» apareceu a pág. 37/42 do Vol. IV e logo a seguir (pág. 47/54) «O Fixador de Instantes», de Mário de Sá-Carneiro, que este Escriitor me enviou directamente.

Carta 20 — Após uma conversa, em Lisboa, de Jaime Cortesão com Fernando Pessoa, relativa a edições da «Renascença», recebi esta carta, que separou da Sociedade um dos seus maiores apologistas. — A. P.

